

Um cancioneiro excepcional

CARLOS NOGUEIRA
*IELT, Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa*

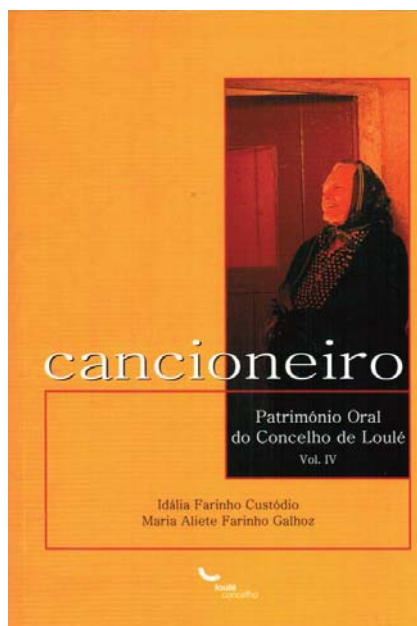
Idália Farinho Custódio, Maria Aliete Farinho Galhoz 2011: *Cancioneiro. Património Oral do Concelho de Loulé*. Vol. IV, 429 pp. Câmara Municipal de Loulé. Loulé.

Há em Portugal muitas colecções de poesia oral a que, regra geral, se dá a designação de cancioneiros. Há-os, em edições autónomas ou incluídos em etnografias e monografias, regionais (transmontanos, minhotos, alentejanos, algarvios...), locais (Vila Real, Mondim de Basto, Vila Nova de Gaia, Arouca...) ou até ditos, impropriamente, gerais (impropriamente porque os que foram publicados sob essa designação são parciais, incompletos). Mas são raros os cancioneiros que incluem as diversas áreas da poesia oral lírica; e também são escassas as colecções que mostram rigor na recolha e na ordenação dos textos, ou que referem elementos sobre os informantes e sobre as circunstâncias da recolha.

Daí a importância do *Cancioneiro* de Loulé, rico na quantidade e na qualidade dos textos, exemplar no modo como os organiza, e, por isso, modelo a seguir noutras recolhas de campo e posterior arrumação e publicação.

Não conhecemos, aliás, em Portugal (e não só), outro caso de tanta sintonia entre colectora e informantes; nem de tanto equilíbrio entre quem recolhe e quem classifica, ordena e anota os textos. Neste aspecto, devemos salientar que é caso raro ou único entre nós o cruzamento de textos do cancioneiro popular português com as versões e variantes de outros cancioneiros portugueses.

E também não nos ocorre outro caso de tanto respeito por cada um dos informantes. Neste *Cancioneiro* há vários cancioneiros: há o cancioneiro de todos e o cancioneiro de cada um, porque se optou por mostrar o repertório de cada pessoa. O que é muito interessante, já que nos permite ver o que predomina em cada um dos informantes: o amor, a alegria, a tristeza, o riso, a crítica, a religiosidade, etc. Esta técnica não prejudica a organização em grandes grupos e subgrupos¹, nem a consulta do volume, que está enriquecido por índices de grande utilidade. O “Índice de primeiros versos”, em que se disponibiliza uma identificação por “numeração dos espécimes, das quadras e das páginas”, facilita a busca de “Quadras soltas”, “Quadras de pergunta e resposta” e “Quadras dobradas”. O leitor mais ou menos especializado poderá assim identificar e comparar versões, variantes



e fórmulas deste e de outros cancioneiros, e aperceber-se da vitalidade e do funcionamento quer da quadra oral quer do sistema poético que ela institui. Um exemplo:

Tu dizes que não me queres,
e eu por mim dou-te a razão,
como hás-de tu querer
uma coisa que não te dão.
(291)Tu dizes que não me queres,
e eu a ti dou-te a razão,
como é que tu hás-de querer
uma coisa que não te dão?
(315)Tu dizes que não me queres,
não vás é deitar má fama,
que eu sou como a oliveira,
que no ar conserva a fama. (326)

Temos, nas três quadras, o mesmo primeiro verso: uma fórmula, um verso-bordão, que, em todo o cancionero popular, existe tanto em versões de um mesmo texto, ora em textos que apenas partilham esse primeiro verso. As duas primeiras quadras são versões de um texto que reconhecemos mas de que não conhecemos a primeira ocorrência (ou de que, apenas em casos muito pontuais, sabemos qual é o primeiro texto, como acontece com algumas quadras do poeta popular António Aleixo): é o chamado arquétipo textual. As diferenças entre as duas primeiras quadras são mínimas: mudam algumas palavras ou muda a sua ordem. O sentido é exactamente o mesmo (ou praticamente o mesmo: na primeira quadra, insiste-se mais no “eu” e, na segunda, mais no “tu”). A terceira quadra é já completamente diferente, apesar de nela também notarmos, por parte do sujeito do enunciado, uma atitude de desdém em relação ao “tu”.

O cancionero da tradição oral é comunicação, pensamento, arte; é emoção, corpo, espiritualidade, sublimação de aspirações, de misérias, alegria e tristeza. As autoras sabem isto muito bem e por isso é que não só recolheram e organizaram os textos com tanto cuidado como ainda quiseram deixar o testemunho das músicas vocais que os acompanham. Os cancioneros impressos sempre nos vieram recordar que há cancioneros orais e, num espírito de modernidade que reconhece o valor da tradição oral, sempre vieram contribuir para a sua nobreza e riqueza. Este é um cancionero moderno ainda num outro aspecto técnico e estratégico: inclui um CD que nos vem lembrar que a poesia oral se fixa por escrito e que, enquanto poesia escrita, se oraliza.

Este *Cancioneiro* vem chamar a atenção para a originalidade e a profundidade da cultura e da literatura de transmissão oral na era da globalização. Afinal, na poesia do cancionero encontramos tudo o que sempre preocupou o ser humano, os grandes escritores e pensadores: a relação homem / mulher, os enigmas do amor e da morte, o humor, a ironia, o riso, a linguagem concisa e poética, que apela aos sentidos e ao pensamento, à razão e à emoção. Grande conhecedora da literatura oral, dos seus temas e dos seus motivos, das suas linguagens e dos seus contextos, Maria Aliete Galhoz, no “Prefácio”, acentua uma ideia que é essencial no cancionero popular e tradicional: a ideia de que este *Cancioneiro*, qualquer cancionero, ajuda a proteger o “perfil ecológico da *ecúmena*” (p. 18), isto é, da grande casa que habitamos: a Terra.

Nesse mesmo sentido, em finais do século passado, Maria Aliete Galhoz escrevia, na “Nota explicativa” do seu *Pequeno Cancioneiro Popular* (Lisboa, Contexto Editora, 1997), que “Todo o cancionero popular é coerente na sua expressão total da natureza do homem integrado no Cosmos, relacionado numa sociedade, confrontado consigo mesmo” (p. 7). Esta compreensão global do que é o cancionero deve ser sublinhada. Com este *Cancio*>

neiro, Idália Farinho Custódio e Maria Aliete Galhoz dizem-nos que deveríamos saber aproveitar os ensinamentos da tradição que nos podem ajudar a mudar de vida: de uma vida menos marcada pelo *ter* e mais marcada pelo *ser*; uma vida mais voltada para as coisas simples, para a Natureza e para a natureza das palavras, para os afectos, e menos voltada para o material, a aparência. Porque

Não há luz como a do sol
nem água como a da chuva,
nem pão como o do trigo
nem vinho como o da uva. (p. 280)

NOTAS

¹ “Rimas Infantis”, “Romances e Cantigas associados a jogos dramático-coreográficos infantis”, “Cantigas de Baile e de Roda”, “Cantigas / Modas”, “Cantigas de Trabalho”, “Desgarradas”, “Cantigas de Festas Cíclicas”, “Cantigas do Ciclo da Vida” (“Cantigas de Embalar”, “Cantos de Boda”), “Cantigas Religiosas” e “Quadras”.